

FORMAÇÃO MÉDICA

Conselho Federal de Medicina considera a nova avaliação criada pelo MEC um avanço, mas acredita que apenas o Exame de Proficiência, em tramitação no Senado, garante profissionais habilitados para o mercado

CFM alerta para limitação do Enamed

» ARTUR MALDANER*
» MARINA RODRIGUES

O Conselho Federal de Medicina (CFM) avalia positivamente a criação do Exame Nacional de Avaliação da Formação Médica (Enamed), lançado pelo Ministério da Educação (MEC) em abril. No entanto, a entidade alerta que, da forma como foi estruturado, o exame não impedirá que médicos malformados ingressem no mercado de trabalho, colocando em risco a assistência à população.

“O Enamed é um instrumento que vai levar informações para o MEC em relação à qualidade do médico que está sendo formado. Agora, as consequências dessas informações, pelo menos, no que foi publicado nas portarias, não têm nenhuma repercussão em coibir médicos malformados ou cursos de medicina inadequados”, afirma Alcindo Cerci, coordenador da Comissão de Ensino Médico do CFM.

Segundo o médico, o Exame Nacional de Proficiência em Medicina, em tramitação no Senado Federal, seria a forma mais adequada de garantir a segurança da sociedade: “O nosso pensamento é que o exame de suficiência médica, que é para habilitar o médico ao trabalho e não para avaliar a formação da faculdade da qual ele veio, é o melhor instrumento que tem hoje para que a gente possa dizer para a população que aquele médico está adequadamente habilitado para trabalhar.”

Com início das inscrições previstas para julho, o Enamed será aplicado de forma obrigatória a todo os estudantes concluintes de medicina no país. A prova, organizada pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), é resultado

Samuel Paz



Lucas Teles, 23 anos, no 11º semestre do curso na UnB, defende uma melhor distribuição de profissionais



Se a gente garantisse que todo médico brasileiro passasse por um programa de residência, seria uma evolução exorbitante na qualidade da formação”

Geraldo Magela, professor e coordenador do curso de medicina da UnB

da unificação do Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (Enade) e do Exame Nacional de Residência (Enare), até então aplicados separadamente.

Eficiência

Previsto para ocorrer anualmente, o Enamed representa, portanto, uma modificação do Enade — realizado uma vez por ano para avaliar a qualidade dos cursos de licenciatura, e a cada três anos para os demais. Além disso, oferece a possibilidade, de maneira opcional, de uso da nota obtida para o Enare, um dos vários concursos de residência médica feitos no Brasil.

“O peso dele (Enamed) para a entrada em residências médicas

está vinculado apenas ao Enare, que não deve chegar a 30% das vagas de residência no país. Mesmo assim, existe uma opcionalidade de se utilizar essa nota como nota oficial do Enare. Então, o aluno faz a prova no sexto ano e, se ele sentir que não está preparado ou que ainda vai evoluir ao longo do tempo até a prova oficial de residência, que é novembro e dezembro, talvez ele use essa nota, talvez ele faça o Enare ou outro tipo de concurso de residência médica”, esclarece Alcindo Cerci.

Segundo o coordenador, o exame obrigatório pode até motivar maior dedicação dos estudantes, mas não garante melhorias reais na avaliação institucional. “O que talvez possa

acontecer é que o estudante possa se dedicar mais para fazer a prova do Enamed, porque ele sabe que vai utilizar aquela nota para algo. No entanto, o objetivo do Enade é avaliar a qualidade da instituição (de ensino). Então, serão criados cursinhos para que o aluno faça um Enamed bom, não porque ele vai avaliar a instituição, mas porque ele quer a nota para passar no Enare. Por isso, eu não vejo que isso seja um ciclo completamente virtuoso.”

Demanda antiga

Apesar dos questionamentos envolvendo a eficiência do procedimento, “que devem ser debatidos pela sociedade”, Cerci também reconhece que a criação do exame atende a uma demanda antiga da categoria. “Nós estamos muito felizes em relação a esse novo exame. Por 20 anos, o Conselho Federal de Medicina vem dizendo que temos médicos malformados, temos abertura de muitos cursos de medicina e que a população está em risco. E, aparentemente, o MEC e o Ministério da Saúde nos escutaram e estão tentando implementar algo que, no futuro, possa melhorar.”

Para ilustrar a gravidade do atual cenário, ele cita dados do Enade 2023: “Nós formamos 7.373 médicos que vieram de instituições que tiveram nota 1 e 2. Ou seja, instituições que deveriam ser fechadas. E esses estudantes entraram no mercado de trabalho como médicos. Isso foi somente a avaliação de 305 cursos de medicina em 2023. Hoje, nós temos 440, quase 150 a mais abertos, principalmente, em faculdades particulares, sem campo de estágio adequado.”

O problema se agrava diante do aumento recorde no número de médicos no país. Segundo o